

INSEGURANÇA SOCIAL: sobre uma afinidade eletiva entre Pierre Bourdieu e Robert Castel

NICOLAS DUVOUX
Universidade Paris 8

IGOR MARTINACHE (TRAD.)
Universidade Paris Nanterre

RESUMO

Embora as análises de Bourdieu sejam anteriores às de Castel em várias décadas, elas foram feitas de forma a permitir demonstrar *a posteriori* a validade das teses de Castel. Bourdieu fornece chaves teóricas e empíricas para modelar as análises de Castel sobre a insegurança social (feitas a partir de um método histórico), e assim fazê-las entrar na descrição quantitativa e qualitativa da hierarquia social. Bourdieu não só nos fornece a prova das teses de Castel, como também nos permite integrar os recentes avanços da economia na descrição das desigualdades e superar a divisão predominante e prejudicial entre economia e sociologia, em particular ao reintegrar a questão do patrimônio e da propriedade, que é central para Castel na construção do indivíduo moderno.

Palavras-chave: Patrimônio. Classes sociais. Desigualdades.

SOCIAL INSECURITY: on an elective affinity between Pierre Bourdieu and Robert Castel

ABSTRACT

Although Bourdieu's analyzes precede Castel's by several decades, they were done in a way that allowed the validity of Castel's theses to be demonstrated a posteriori. Bourdieu provides theoretical and empirical keys to model Castel's analyzes of social insecurity (made from a historical method), and thus make them enter the quantitative and qualitative description of social hierarchy. Bourdieu not only provides us with proof of Castel's theses, but also allows us to integrate recent advances in economics in the description of inequalities and overcome the predominant and harmful division between economics and sociology, in particular by reintegrating the question of heritage and property, which is central for Castel in the construction of the modern individual.

Keywords: Wealth. Class. Inequality.

Recebido em: 10/09/2023

Aceito em: 09/10/2023

INTRODUÇÃO

Faz exatamente dez anos que Robert Castel faleceu. Entre outras coisas, ele tem sido frequentemente comparado a Michel Foucault por seu trabalho sobre a psiquiatria¹. Este artigo trata da desconhecida proximidade de um conjunto de análises desenvolvidas por Pierre Bourdieu nos anos sessenta sobre “Os Trinta Gloriosos”² com as de Castel sobre a crise da sociedade assalariada. Vale destacar essa proximidade para ampliar as análises dos dois sociólogos.

Robert Castel deixou sua marca na história da sociologia francesa. Após estudar a ordem psiquiátrica que emergiu para controlar as revoltas da modernidade, seus trabalhos dos anos 1990 e 2000 mostraram até que ponto a questão social foi um fator estruturante da modernidade. O atual contexto político continua a dar-lhe razão.

O objetivo deste artigo é deixar de lado e mostrar a relevância do pensamento de Robert Castel do ponto de vista científico. Não se situa, então, na perspectiva do reformismo radical, que permeou a época social em que viveu, mas a partir de uma perspectiva epistemológica e da visão de mundo social que desenvolveu. Ao contrário das análises de sua época sobre a exclusão social, ele se baseava na ideia de um *continuum* securitário e analisava as reformas do Estado social como produtoras de insegurança social. Este tema está, sem dúvida, próximo do problema das desigualdades apontado entre outros por Thomas Piketty, embora não seja exatamente o mesmo ponto de vista: essas pequenas diferenças muitas vezes façam toda a distinção na vida intelectual. Segundo Castel, função redistributiva do Estado social tem sido superestimada em relação ao seu papel de proteção e segurança dos não possuidores (CASTEL, 2005).

Gostaria de sublinhar até que ponto certos textos iniciais de Pierre Bourdieu (elaborados em estreita ligação com o INSEE³ e as estatísticas públicas), a propósito da “repartição dos benefícios” do crescimento dos Trinta Gloriosos, contribuem para evidenciar a importância do sentimento de segurança como critério decisivo para uma análise dinâmica da hierarquia e das posições sociais. Essa parte da obra do Bourdieu pouco lida⁴ fez um diagnóstico muito próximo

¹ Este texto é a tradução, produzida por Igor Martinache, do texto "Insécurité sociale : sur une affinité électorale entre Pierre Bourdieu et Robert Castel". **Analyses, Opinions, Critiques**, 04/03/2023.

² Assim que os Franceses se referem às três décadas após o fim da Segunda Guerra Mundial, que foram marcadas por um forte crescimento econômico e uma consequente aceleração das mudanças sociais, seguindo uma expressão criada pelo economista Jean Fourastié.

³ O Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos, o equivalente francês do IBGE.

⁴ Para compreender a secundarização (tendo em conta quer a evolução interna do seu pensamento, quer a recepção da sua obra) das análises de Bourdieu sobre a antropologia econômica derivada do seu trabalho sobre a Argélia e, mais ainda, do seu trabalho sobre Os Trinta Gloriosos, não há melhor guia do que Julien Duval, quando descreve a «situação do curso [no Collège de France] sobre os «fundamentos sociais da acção económica» na obra de Pierre

daquele utilizado décadas depois por Robert Castel para analisar os profundos efeitos sociais da crise na sociedade assalariada.

Embora as análises de Bourdieu sejam anteriores às de Castel em várias décadas, elas foram feitas de forma a permitir demonstrar a posteriori a validade das teses de Castel. Bourdieu fornece chaves teóricas e empíricas para modelar as análises de Castel sobre a insegurança social (feitas a partir de um método histórico), e assim fazê-las entrar na descrição quantitativa e qualitativa da hierarquia social. Bourdieu não só nos fornece a prova das teses de Castel, como também nos permite integrar os recentes avanços da economia na descrição das desigualdades e superar a divisão predominante e prejudicial entre economia e sociologia, em particular ao reintegrar a questão do patrimônio e da propriedade, que é central para Castel na construção do indivíduo moderno (CASTEL; HAROCHE, 2001). Bourdieu permite pensar a interseção da posição socioprofissional e dos recursos econômicos em uma análise dinâmica que combina os aspectos objetivos e subjetivos das classes sociais assim que outras relações de dominação (DUVOUX, 2023). Esse passo atrás na análise permite compreender as raízes profundas da atual turbulência: não é apenas o aumento das desigualdades que contribui para o mal-estar social e democrático, mas um sentimento difuso e deletério de insegurança que priva categorias crescentes da população - os pobres, claro, mas também as categorias populares em geral e parte das classes médias enfraquecidas - de qualquer capacidade de controlar o futuro e se projetar positivamente.

1. O QUE BOURDIEU DISSE SOBRE OS “TRINTA GLORIOSOS”

Considerado como um sociólogo da cultura e da educação, no momento em que estava cooperando estreitamente com as estatísticas públicas⁵, Pierre Bourdieu trabalhou também com questões econômicas e sua percepção pelos agentes. Em seguida, ele elaborou um relato do desenraizamento coletivo com base no que Robert Castel chamou mais tarde de "proteções próximas", das quais a proteção social institucionalizada procurou construir um análogo, um equivalente funcional, no contexto da modernidade. Essa extensão das proteções ocorreu

Bourdieu» (BOURDIEU, 2017). A este respeito, vale a pena mencionar o interesse da recente reedição de *Travail et travailleurs en Algérie* (PÉREZ; YACINE, 2021).

⁵ O trabalho de Pierre Bourdieu a esse respeito pertence a um “primeiro período” de estreita colaboração com os organismos das estatísticas públicas, que chega, segundo Alain Desrosières, até 1966, a “Bourdieu et les statisticiens: une rencontre improbable et ses deux héritages” [“Bourdieu e os estatísticos: uma reunião improvável e seus dois legados”], (DESROSIÈRES, 2008) Podemos considerar que essa abordagem crítica e construtiva continuará nas publicações de Bourdieu até 1974 e “O futuro da classe”, deixando o lugar para a dimensão crítica da dimensão performativa das categorias estatais.

durante o desenvolvimento dos “Trinta Gloriosos”, o período em que a obra de Bourdieu foi publicada e no qual ele se concentra teoricamente (CASTEL, 2010):

Assim, substituir a família numerosa pela família pequena ou pelo filho único significa abrir mão da concepção popular das relações familiares e das funções da unidade doméstica; é abandonar, além das satisfações da grande família integrada, o sustentador de todo um modo de sociabilidade tradicional, com as suas trocas, as suas festas, os seus conflitos, etc., é também abandonar a certeza que a descendência numerosa proporciona, única proteção praticamente segura, sobretudo para as mães, contra as incertezas da velhice, num universo assombrado pela instabilidade doméstica e pela insegurança econômica e social. (BOURDIEU, 1974, p. 24)

O vocabulário usado é tudo menos brando. A grande ameaça contra a qual as estratégias individuais e coletivas devem ser desdobradas, a insegurança, é combinada. Tanto as funções desempenhadas pela família alargada, como as estratégias de promoção social, são mobilizadas com o objetivo de obter uma forma de proteção social ou, em outras palavras, de seguro. Embora a contemporaneidade dessas análises com a construção dos sistemas de proteção social do pós-guerra não esteja mais explícita nesse artigo do Bourdieu, texto de alcance sociológico geral, no entanto, ela foi apontada e analisada em trabalhos anteriores, particularmente em “*Le partage des bénéfiques*”⁶. Embora anteriores na sua escrita, estes textos (e particularmente “*La fin d’un malthusianisme*”⁷ escrito com Alain Darbel), são menos decisivos do ponto de vista teórico, uma vez que não explicam o princípio da ligação entre a progressão individual e coletiva e a projeção no futuro que o artigo de 1974 revela do “caso” da pequena burguesia: “Essa conversão de atitudes em relação ao grupo familiar é inseparável de uma conversão de atitudes em relação ao futuro” (BOURDIEU, 1974, p. 24).

Presos num jogo de distinções, em que cada classe exclui o que lhe é diretamente inferior, integrando os seus próprios membros – elemento que tem sido central na recepção de Bourdieu, mas que não pode ser o mais original, na medida que já foi discutido por Edmond Goblot (2010) e depois por Norbert Elías –, os pequenos burgueses são pressionados a converter-se ao crédito e a abandonar a poupança, para “abastecer por outros meios, mais adaptados às novas estruturas econômicas, as velhas funções” (BOURDIEU, 1974, p. 27). O que o caso da pequena burguesia mostra em primeiro lugar é que, como todas as classes apanhadas no movimento de crescimento econômico, ela deve viver acima de suas possibilidades.

⁶ “A distribuição dos benefícios”, nota do tradutor.

⁷ “O fim de um malthusianismo”, nota do tradutor.

Ao sublinhar a magnitude do “sentimento de segurança” gerado pela dinâmica de crescimento (da qual os então novos instrumentos de proteção social são um elemento, mas apenas um), o texto escrito com Alain Darbel vai muito além do seu objetivo declarado (entender os efeitos do benefício infantil sobre o comportamento da fertilidade nas classes médias) e fornece insights sobre a dinâmica do período em que (e sobre o qual) eles escrevem. Este texto formula o princípio sobre o qual assentará o artigo “*Avenir de classe et causalité du probable*”⁸, a saber, a ideia de que as posições (no duplo sentido de posição, no espaço social e como ponto fixo no tempo) devem ser avaliadas a partir da dinâmica da inclinação da trajetória social, individual e coletiva em que se inscrevem e fazem sentido: “O que se apreende em cada caso, seja o futuro da categoria inteira ou o futuro individual, é, em um ponto da curva, a inclinação da curva, ou seja, de toda a curva” (BOURDIEU; DARBEL, 1966, p. 149).

O que caracteriza esta pesquisa é a retomada, de outra forma, do objetivo anunciado na obra Argélia 60. A saber, encontrar a fórmula, no sentido matemático do termo, que liga os recursos monetários à sua experiência vivida, ao que ele chama de "consciência econômica concreta" ou "sujeito econômico concreto":

Retomando os termos do modelo matemático, nem sempre o rendimento utilizado no denominador da função do custo marginal relativo de um filho se reduz ao rendimento médio registrado pontualmente, num determinado momento. Outras coisas sendo iguais, uma renda média igual pode corresponder a experiências psicológicas profundamente diferentes, dependendo se um sentimento de segurança ou insegurança foi preservado do período anterior, ou se a renda atual parece estar aumentando ou diminuindo. A experiência do passado projeta-se, de forma difusa, em todo o futuro, e a atitude presente determina-se face aos riscos de desemprego no caso dos trabalhadores assalariados, ou face aos riscos de falência no caso dos empresários, definindo assim os riscos particulares por referência a uma estimativa dos riscos envolvidos na conjuntura da economia e da sociedade global. Assim, é necessário substituir a noção de rendimento vivido pela noção de rendimento objetivo que se mede por estatísticas” (BOURDIEU; DARBEL, p. 150).

Longe de ser uma escória destinada a ser suplantada por formulações posteriores e mais bem-sucedidas, essas páginas lançam as bases de uma reflexão que agora é central para a avaliação da renda dos diferentes membros da sociedade, de acordo com sua posição social, na medição do Produto Interno Bruto, da inflação, etc. Essas análises são centrais, em primeiro lugar, porque seu "objetivo" (a apreensão da hierarquia social por meio dos padrões de vida) nunca foi tão atual.⁹ e exerce uma forte concorrência na análise em termos de classe, solidária

⁸ “Futuro de classe e causalidade do provável”, nota do tradutor.

⁹ Essa questão de percepção é especialmente importante quando se trata de medir a inflação. A lacuna entre medidas objetivas e subjetivas do fenômeno tem importantes efeitos sociopolíticos. Para resolver essa lacuna, a

ao esclarecer a inércia das posições e a estabilidade das desigualdades (PIERRU; SPIRE, 2008).¹⁰

De forma simétrica, levar em conta os recursos econômicos permite evitar as armadilhas de uma representação de classe que ignora a distribuição da riqueza, crucial para a distribuição como um todo e capaz de esclarecer as desigualdades de gênero (BESSIÈRE; GOLLAC, 2020, p. 118), de classe (DUVOUX; PAPUCHON, 2022) assim como de raça.

A crítica de Pierre Bourdieu às estatísticas baseadas em critérios monetários é surpreendentemente atual¹¹. Situa a reflexão sobre o crescimento no contexto do duplo problema, por um lado, a imbricação da objetividade e da subjetividade e, por outro, a projeção no futuro da socialização passada e dos recursos atuais disponíveis. Assim, os mecanismos pelos quais o crescimento produz segurança são analisados de uma nova maneira. Bourdieu coloca no centro de sua atenção um mecanismo psicológico ligado à articulação das condições materiais de existência e projeções para o futuro onde encontramos, agora apoiados por uma compreensão da dinâmica social global, a ligação dinâmica entre os recursos atuais que se possui e a capacidade de controlar o futuro.

2. DE BOURDIEU A CASTEL, E VICE-VERSA

A contribuição específica das análises de Bourdieu (e de Darbel), e a razão pela qual elas resistem às contribuições posteriores, é justamente porque elas fazem dessa capacidade de se projetar no futuro (que garante o controle concreto sobre esse futuro, tanto individual quanto coletivo), não apenas um elemento – central - de um diagnóstico de época e de uma sociologia histórica, mas também um princípio de estudo sobre a estratificação social cuja "fórmula", para usar sua expressão, se encontra na ligação entre as dimensões objetiva e subjetiva das desigualdades. A dinâmica social do período dos Trinta Gloriosos baseava-se em um mecanismo de projeção positiva para o futuro, mecanismo totalmente dependente de indivíduos e grupos seguindo uma trajetória ascendente. Sem dúvida, encontramos a melhor descrição deste mecanismo em Robert Castel quando evoca o crescimento nestes termos:

noção de “gastos limitados” foi implantada (as estatísticas oficiais falam de “gastos pré-comprometidos”). Veja, para uma contribuição recente, graças aos métodos de painel, Derbécourt (2023).

¹⁰ Quando se trata de questões fundamentais para a sociologia, como o estudo da mobilidade intergeracional, as revistas internacionais se concentram principalmente na medição dos padrões de vida.

¹¹ As reflexões de Ana Perrin-Heredia sobre as "pequenas" diferenças que fazem todas as distinções entre agregados familiares próximos no que diz respeito às suas condições materiais de existência e aos seus níveis de rendimento assentam inteiramente nesta forma de apreensão do mundo social. Ver Perrin-Heredia (2010).

Entre 1953 e o início da década de 1970, a produtividade, o consumo e os rendimentos salariais praticamente triplicaram. Para além da sua dimensão estritamente económica, há que observar aí um fator essencial que permitiu uma gestão regrada das desigualdades e da insegurança social na sociedade assalariada. Havia, nas palavras de um sindicalista da época, André Bergeron, “de grão para moer”. Isso não significa apenas que havia mais-valia a distribuir. Mas também a possibilidade de introduzir no jogo o que podemos chamar de princípio da satisfação diferida das necessidades na gestão dos assuntos sociais [ou seja] a possibilidade de antecipar a longo prazo uma redução progressiva das desigualdades e a erradicação das bolsas de pobreza e precariedade que persistem na sociedade. O que chamamos de progresso social que passa pela possibilidade de programar o futuro. Tal crença pode ser vista como a possibilidade de tomar iniciativas e desenvolver estratégias que olham para o futuro: pedir um empréstimo para adquirir o seu imóvel alugado, programar a entrada dos filhos na universidade, antecipar trajetórias de mobilidade ascendente, inclusive entre gerações (CASTEL, 2003, p. 35-36).

A crise da sociedade salarial se baseia, além do desenvolvimento do desemprego e, talvez acima de tudo, da insegurança no trabalho, na cessação desse mecanismo de projeção temporal positiva capaz de criar um princípio de satisfação diferida das necessidades. O quadro da discussão académica e pública sobre as desigualdades pode ser entendido como dependente de sua inscrição imediata em uma sociedade na qual a perda do horizonte temporal leva a uma tentativa de racionalizar a distribuição imediata dos restos do crescimento, crescimento esse que simplesmente (mas há, nesse caso, simplesmente uma mudança de época) desacelerou.

Castel também nos permite pensar sobre os fundamentos antropológicos da importância das desigualdades de riqueza, conforme destacado em seu trabalho empírico por Thomas Piketty (2014). Para Castel, a propriedade é um recurso que condiciona o acesso à individualidade ao mesmo tempo em que é a fonte do poder social. A propriedade é a fonte de acesso desigual a si mesmo, ao controle sobre a própria vida, a um poder que é irredutível a um dos polos da subjetividade e da objetividade, uma vez que os sentimentos de controle sobre si mesmo e sobre o futuro estão associados a uma superioridade em relação aos outros e a uma capacidade de decidir que se liberta da oposição artificial entre dentro e fora, interioridade e exterioridade, indivíduo e sociedade. O controle sobre a própria vida, que necessariamente envolve um grau de controle sobre a vida dos outros, está no centro da hierarquia social. Encontramos aqui uma das análises fundamentais da modernidade, que Robert Castel lembrou até que ponto ela encontra uma formulação explícita em John Locke:

Em Locke, a noção de propriedade é complexa porque engloba conteúdos heterogêneos, tanto a propriedade de bens materiais quanto a propriedade da pessoa, do próprio indivíduo. No entanto, a intuição fundamental de Locke é que esses conteúdos heterogêneos são ao mesmo tempo inseparáveis: não podemos ser proprietários de nossa pessoa se não formos proprietários de bens (CASTEL; HAROCHE, 2001, p. 18-19).

Essa análise que integra variáveis econômicas é necessária por dois motivos. Por um lado, a propriedade torna-se mais importante após um período de elaboração e extensão de uma "propriedade social" (CASTEL, 2010) que transferiu para os não proprietários as formas de garantia anteriormente detidas apenas pelos proprietários. A propriedade privada está destinada cada vez mais a cumprir uma função de segurança à medida que as reformas da proteção social, e especialmente das aposentadorias, abrem espaço para a poupança privada amortecer a esperada - e organizada - diminuição dos benefícios. Além de alargar a abordagem para além da mediação exclusiva da riqueza das categorias mais abastadas, esta abordagem convida-nos a questionar a riqueza não só do ponto de vista da sua distribuição e das lacunas que cria, mas também a partir da sua dimensão de poupança e, portanto, de segurança das trajetórias (BALESTRA; TONKIN, 2018).

No entanto, as análises em termos de insegurança permitem superar a oposição entre a objetividade e a subjetividade. Com efeito, longe de negar as desigualdades, as análises em termos de insegurança vão um pouco mais longe e "aproximam" a análise, de fora, da experiência que pode ser realizada subjetivamente. Esta categoria, que faz do medo do amanhã, da impossibilidade de controlar o futuro por falta de controle do presente, condição constitutiva das diferentes formas de distanciamento e distância social no contexto da modernidade, combina dois elementos (WESTERN *et al.*, 2012, p. 342). Primeiro, desenvolve uma visão dinâmica da estratificação social e está interessada na evolução do status econômico, e não em seu nível:

Enquanto a desigualdade é o conceito supremo para a análise das variáveis de status socioeconômico, a insegurança é a ideia norteadora de uma abordagem dinâmica.

Essa categoria também permite alcançar um realismo experiencial e político, ou seja, captar desigualdades que se aproximam do que Bourdieu chamou, no pouco conhecido texto dos trabalhos do coletivo Darras (1966)¹² sobre desigualdades durante os Trinta Gloriosos, de "sentimento de segurança". Esta capacidade de controlar o futuro, intimamente ligada aos recursos que se possui atualmente, mas que os supera por meio de uma "projeção", isto é, uma antecipação que é um prolongamento do presente no futuro, com efeito retroativo sobre aquele, constitui um critério decisivo da hierarquia social. Do velho ou novo proletariado fechado no presente, ao filantropo cuja herança lhe permite projetar-se na eternidade, passando pelas classes populares estabilizadas ou mesmo pelas classes médias abastadas, o critério de relação

¹² No capítulo 1 da obra do coletivo Darras (1966), "La fin d'un malthusianisme?" ["O fim de um malthusianismo?"] escrito por Pierre Bourdieu e Alain Darbel tem sido amplamente utilizado.

com o futuro permite associar trabalhos na base, no centro e no topo da sociedade, bem como métodos quantitativos e qualitativos. A antecipação do futuro por parte dos mais dotados permite pensar as formas de dominação a que dá origem esta capacidade socialmente diferenciada de apropriar-se do futuro.

Se Castel, ao que parece, já disse tudo sobre a atualização das análises do sentimento de segurança/insegurança no contexto da "crise da sociedade salarial", por que, então, reler Bourdieu? Porque a sociologia de Robert Castel, apesar (ou melhor, por causa) de sua riqueza, resistiu à investigação. A profundidade histórica que ele proporcionou foi contrabalançada por um questionamento às vezes excessivo das pesquisas - que, no entanto, li com atenção. (CASTEL; MARTIN, 2012).

3. TOMAR A MEDIDA DA SUBJETIVIDADE NA REFLEXÃO SOBRE AS DESIGUALDADES

Em vez disso, os primeiros trabalhos de Bourdieu mostram que a subjetividade, por menos que seja considerada em estreita interação com as condições materiais de existência, pode facilitar o acesso à coerção social. Ele fornece uma estrutura teórica e empírica que permite que as análises de Castel entrem no atual regime epistemológico de aplicação de testes em sociologia - altamente profissionalizado e bem versado na condução de pesquisas, quantitativas e/ou qualitativas. Ela pode fazê-lo ao restaurar a profundidade temporal da existência humana, a sensação de enfrentar um destino implacável ou, inversamente, de controlar o próprio futuro a ponto de poder reivindicar uma forma de eternidade. Ela pode fazê-lo porque o surgimento de um sentimento de controle ou segurança sobre sua própria trajetória de vida está intimamente ligado às atuais condições materiais de existência. Ela pode medir a si mesma (DUVOUX; PAPUCHON, 2018).

A hierarquia social pode, portanto, ser lida a partir do cruzamento de níveis dentro de um continuum de segurança social objetivado pela relação subjetiva com o futuro. A pluralidade do patrimônio de disposições apontada por Bernard Lahire (2019)¹³ pode ser visto não como o ponto de chegada do trabalho teórico e empírico, mas como o ponto de partida dos indivíduos na tentativa de alcançar a coerência em seus próprios recursos, uma coerência baseada nos

¹³ Sublinhemos que, para além da competição socializadora e da pluralidade disposicional cuja centralidade se identificou, esta importância da procura da coerência e do caráter cumulativo das desigualdades de que, em parte, provém (e que por sua vez reforça) não é alheia à abordagem de Lahire, longe disso. Sua reflexão, em grande parte baseada no trabalho empírico de Lahire (2019), formulada em termos de percursos aumentados ou diminuídos, aponta nessa direção, sem negar a "sociologia de nível individual" que ela elaborou.

recursos econômicos e, acima de tudo, na riqueza. Acima de tudo, nas categorias mais altas, essa coerência de existência é apoiada por medidas fiscais, na área de assistência pessoal para a vida cotidiana e a delegação de tarefas ingratas, e também na área de doações e filantropia para ganhar influência social e política. A análise da estrutura social com base na síntese projetiva envolve, portanto, uma leitura política das relações de dominação social, não apenas de classe, mas também de gênero e raça¹⁴.

A sensação de segurança ou insegurança de alguma forma constitui um ponto de fuga mais significativo do que a soma dos determinantes. Esta projeção para o futuro, critério decisivo da hierarquia social, pode ser lida, medida ou ouvida em múltiplos materiais: estatísticas; pesquisas qualitativas; impressões deixadas por membros de grupos sociais específicos. O desafio é mostrar como o externo (os determinantes da hierarquia social) pode se beneficiar ao ser analisado pelo prisma do interno, da subjetividade. A vantagem deste tipo de análise é que permite incluir – dentro de um programa científico cumulativo – análises baseadas em métodos qualitativos e quantitativos, assim como análises dos escalões superior, médio e inferior da escala social, e também permite que recursos econômicos (renda e patrimônio) e posição de classe sejam integrados na descrição desta hierarquia, tal como definida pelos sociólogos, questionando assim, na prática e dentro da sociologia, a divisão da visão (e a divisão) do mundo social entre economia e sociologia. Pesquisas sobre a extremidade inferior da distribuição, como as de Ana Perrin-Heredia ou Pierre Gilbert na França, e do economista John Morduch nos Estados Unidos (MORDUCH; SCHNEIDER, 2017), mostram como elas podem ser frutíferas (COUSIN; LAMONT, 2021). De minha parte, tenho focado a filantropia e a relação com o futuro, individual e coletivo, dos possuidores. Sem desdobrar toda essa abordagem empírica, o caso da pobreza mostra a fecundidade desse tipo de abordagem pela temporalidade vivida.

¹⁴ As variáveis subjetivas são, exclusiva ou parcialmente, a fonte de todas as medidas de discriminação étnico-racial, por exemplo. Maud Lesné e Patrick Simon no inquérito Trajectoires et Origines [TeO] realizado pelo INSEE e INED. Eles mostram, “La mesure des discriminations dans l’enquête Trajectoires et origines” [“A medida da discriminação na pesquisa Trajetórias e origens”], Documento de trabalho, n. 184, INED, p. 26 e 27, mostram que ambas as medidas de discriminação são, em graus variados, subjetivas: “Os dois principais indicadores para medir a discriminação têm, cada um, seu próprio campo de significado e descrevem uma dimensão específica do fenômeno. A medida mais direta é a experiência auto-relatada de discriminação, uma vez que o respondente é seu próprio juiz. É um indicador subjetivo marcado por uma parte relativa de interpretação. O indicador baseado na discriminação situacional também incorpora uma parte da subjetividade, pois o respondente declara o tratamento desfavorável a que foi submetido, mas esse aspecto da subjetividade é reduzido pela evocação de situações específicas”. Essas medidas permitem registrar as modificações das representações, como mostram as diferenças entre os levantamentos TeO 1 e 2. O aumento da discriminação registrada não mede um fenômeno inalterado, mas sim a evolução da sensibilidade a ele. Refletir sobre o estatuto, alcance e limites das variáveis subjetivas não é (em relação a esse tipo de questão) uma opção.

4. MEDIÇÃO SUBJETIVA DA POBREZA E SOCIOLOGIA DA POBREZA: um caso clássico

Do ponto de vista empírico, a ligação entre a subjetividade e a objetividade foi amplamente estudada pela epidemiologia. A mensuração da subjetividade encontrou um campo de cultivo, por décadas, graças à institucionalização das mensurações de qualidade de vida. Graças a esses dados, o dilema entre crescimento econômico e aumento do bem-estar foi documentado, destacando o caráter deletério das desigualdades na organização coletiva. A epidemiologia tem permitido compreender como a desigualdade mexe com a pele e condiciona os comportamentos antissociais, devido ao stress associado à competição e à humilhação. O status social subjetivo é considerado pela epidemiologia como o melhor preditor, melhor que o status socioeconômico objetivo ou mesmo o estado de saúde objetivo, o que nos remete à objetividade do subjetivo. A razão invocada pelos pesquisadores é que esse indicador subjetivo opera uma síntese de determinantes muito tênues para serem captados pelos questionários, necessariamente limitados, e que não podem detalhar características sociais cujos efeitos ainda assim são sentidos pelos indivíduos. A segunda razão é que a importância dos diferentes critérios de classificação social varia de acordo com os indivíduos. Para alguns, a sensação de sucesso na vida dependerá da família, para outros do desenvolvimento da carreira profissional, para outros ainda do acesso à cultura e assim por diante. A subjetividade proporciona um acesso mais amplo aos critérios de posição social e sua ponderação autônoma.

A pobreza, entendida em termos de auto percepção, está associada à forma como é percebida a posição que o indivíduo ocupa na estrutura social e, mais ainda, ao futuro dessa posição. A principal contribuição sociológica da abordagem subjetiva da pobreza é que, dessa forma, se destaca que aqueles que se sentem pobres compartilham uma apreensão comum sobre seu futuro individual. A pobreza subjetiva esconde uma forma de pessimismo, pessimismo intimamente ligado às atuais condições materiais de existência. Demonstra que a subjetividade é depositária (e, portanto, fonte de estudo) da relação com a trajetória social passada e o futuro aberto – ou fechado – ao indivíduo, dependendo dos recursos econômicos e sociais de que dispõe. Destaca-se, assim, o papel protetor da família, bem como a exposição ao sentimento de pobreza de uma constelação popular composta por pequenos trabalhadores autônomos, trabalhadores e empregados, além de desempregados e assistidos, já bem identificados pelas demais medidas e definições de pobreza. A concomitância da publicação dessas análises com o desencadeamento da eclosão do movimento dos “coletes amarelos”, cujas tradicionais

medidas de pobreza (baseadas nos padrões de vida) não podiam ser explicadas de forma alguma, finalmente me convenceu de sua maior capacidade de identificar áreas de tensão e formas de sofrimento que atuam na sociedade, para além de variáveis puramente objetivas.

O sentimento de segurança constitui (e, nisso, é possível acompanhar as análises de Bourdieu) informações socialmente mais decisivas do que a soma de características sociais captadas sincronicamente. Você pode fazer isso porque acaba com eles. Tudo se passa como se o ponto de fuga da trajetória social (a “projeção”, ancorada por sua vez na trajetória individual e coletiva da fração de classe, ascendente ou descendente) retroagisse sobre a posição presente e constituísse uma característica essencial do presente, mais essencial do que a soma dos recursos presentes. Esse é um aspecto que Bourdieu apontou amplamente em sua análise magistral sobre o efeito do crescimento econômico em “Os Trinta Gloriosos” sobre o comportamento demográfico (“A distribuição de benefícios”) ou sobre o “caso” da pequena burguesia. Tomá-lo em consideração na atual configuração sociológica leva a sublinhar três questões:

- A primeira é a necessidade de reavaliar a proporção de pessoas afetadas pela pobreza. Vários estudos concordam em considerar que na França entre um terço e 40% da população, em vez de 15%, são afetados (DUVOUX; YANG, 2022);

- A segunda é mostrar que as variações no sentimento de pobreza das pessoas estão ligadas (como na análise de Bourdieu da diferenciação entre subproletariados argelinos e trabalhadores estáveis) ao cruzamento de limiares ou níveis de recursos. Em uma análise recente, a economista Eléonore Richard mostrou que esse limite é de 80% do padrão de vida médio para avançar para a percepção da pobreza (RICHARD, 2022);

- A terceira é destacar o vínculo com o imobiliário: o status da casa própria, marcador decisivo de classe, revela-se através do uso de variáveis subjetivas, que assim aproximam as condições econômicas e, para retomar uma formulação que Bourdieu abandonou nos estágios avançados de sua reflexão, uma “consciência econômica concreta”.

A capacidade da subjetividade de ampliar os critérios e especificar a representação da hierarquia e das sociedades tem sido recentemente demonstrada de forma comparativa, a partir da análise das classes sociais (OESCH; VIGNA, 2023). Acima de tudo, se forem estudadas as desigualdades patrimoniais e as modalidades da sua transmissão, poderia contribuir para renovar a perspectiva sociológica.

CONCLUSÃO

O sentimento de segurança constitui (nisto é possível acompanhar a análise de Bourdieu) informação social mais decisiva do que a soma das características sociais tomadas sincronicamente. Para além do legado de Castel, o retorno ao primeiro Bourdieu nos oferece um quadro de análise que permite demonstrar a fecundidade de suas teses e fundamentar cientificamente a validade de suas reflexões sobre o futuro de nossas sociedades. A síntese projetiva do futuro constitui informação sintética sobre a posição social, articulando o objetivo e o subjetivo, e assim permite mensurar plenamente o custo social e humano das desigualdades de classe, bem como de outras relações de dominação. A síntese projetiva permite captar as capacidades concretas e socialmente diferenciadas, para apreender o futuro, o próprio e o da sociedade como um todo. A importância dada a estes procedimentos de quantificação não deve conduzir à sua contextualização, muito pelo contrário. Elaborar uma epistemologia do sentimento leva a reintegrar no discurso sociológico toda a reflexividade sobre o nosso tempo que a corrente da história das sensibilidades lhe permite contribuir. O senso do eu é um processo histórico de longa duração, e sua elucidação esclarece os efeitos, analisados pelos sociólogos, da massificação escolar. Isso contribui para a difusão, mesmo nas classes populares, de uma forma de reflexividade e de uma capacidade de verbalização que garanta a credibilidade das respostas dadas a questionários que contenham escalas de auto posicionamento, por exemplo. É essencial ir e vir com os resultados de métodos qualitativos que, além de fornecer uma contextualização detalhada de modos de vida e valores, permitem captar as formas de enquadramento social e político e a configuração institucional dessas representações, a fim de controlar seu uso.

REFERÊNCIAS

BALLESTRA, Carlotta; TONKIN, Richard. **Inequalities in household wealth across OECD countries**. Evidence from the OECD wealth distribution database, OECD Statistics Working Papers, n. 2018/01. Paris: Éditions OCDE, 2018.

BESSIERE, Celine; GOLLAC, Sibylle. **Le genre du capital. Comment la famille reproduit les inégalités**, Paris: La Découverte, 2020.

BOURDIEU, Pierre. Avenir de classe et causalité du probable. **Revue française de sociologie**, n. 15-1, p. 3-42, 1974.

_____. **Anthropologie économique.** Cours au collège de France (1992-1993), organizado por Patrick Champagne e Julien Duval, com a colaboração de Franck Poupeau e Marie-Christine Rivière, Paris: Raisons d'agir/Seuil, 2017.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. La fin d'un malthusianisme, in Darras, **Le partage des bénéfiques. Expansion et inégalités en France.** Paris: Editions de Minuit, 1966.

CASTEL, Robert. **A Insegurança social. O que é ser protegido?.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005 [edição original: 2003].

_____. **As Metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 [edição original: 1995].

CASTEL, Robert. MARTIN, Claude. **Changement et pensée du changement.** Paris: La Découverte, 2012.

CASTEL, Robert., HAROCHE, Claudine. **Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi.** Paris: Fayard, 2001.

COUSIN, Bruno, LAMONT, Michèle (org.), **La morale des sociologues.** Paris: La vie des idées.fr/Puf, 2020.

DARRAS. **Le partage des bénéfiques. Expansion et inégalités en France.** Paris: Éditions de Minuit, 1966.

DERBÉCOURT, Clément; FREDON, Simon; VIENNOT, Mathilde; MADEC, Pierre. “Qui a vu son niveau de vie aumentadar dans les années 2010 ?” [”Quem viu seu padrão de vida subir na década de 2010?”]. France Stratégie, Note d’analyse, n. 116, jan. de 2023.

DESROISIÈRES, Alain. **Pour une sociologie historique de the quantification. L’argument statistique** [“Para uma sociologia histórica da quantificação. O argumento estatístico”]. Paris: Presses de l’école des Mines-ParisTech, p. 291-299, 2008.

DUVOUX, Nicolas. **L’avenir confisqué, Inégalités de temps vécu, classes sociales et patrimoine.** Paris, Puf, 2023.

DUVOUX, Nicolas; YANG, Senmiao. Des classes dépossédées. Pauvreté en patrimoine et vulnérabilité économique, **La vie des idées.fr**, 13 set. 2022.

DUVOUX, Nicolas; PAPUCHON, Adrien. Qui se sent pauvre en France ? Pauvreté subjective et insécurité sociale. **Revue française de sociologie**, p. 607-647, 2018.

_____. Class and Relative Wealth Accumulation in Five European Countries. Sociological Lessons from the HFCS. **European Journal of Sociology**, 2022.

GOBLOT, Edmond. **La barrière et le niveau. Etude sociologique sur la bourgeoisie française moderne,** Paris, Puf, «Le lien social», 2010 [edição original: 1925].

LAHIRE, Bernard. **Enfances de classe. De l'inégalité parmi les enfants**. Paris, Seuil, 2019.
MORDUCH, Jonathan; SCHNEIDER, Rachel. **The Financial Diaries: How American Families Cope in a World of Uncertainty**. Princeton: Princeton University Press, 2017.

OESCH, Daniel; VIGNA, Nathalie. Subjective social class has a bad name, but predicts life chances well. **Research in Social Stratification and Mobility**, v. 83, fev. 2023.

PÉREZ, Amin; YACINE, Tassidit. **Travail et travailleurs en Algérie** [Trabalho e trabalhadores na Argélia]. Paris: Raisons d'agir, « Cours et travaux », 2021 [edição original de 1963].

PERRIN-HEREDIA, Ana. **Logiques économiques et comptes domestiques en milieu populaire. Ethnographie économique d'une zone urbaine sensible** [Lógica econômica e contas domésticas em um ambiente popular. Etnografia econômica de uma área urbana sensível.]. Ardenne: Université de Reims-Champagne, 2010.

PIERRU, Emmanuel; SPIRE, Alexis. Le crépuscule des catégories socioprofessionnelles. **Revue française de science politique**, p. 457-481, 2008.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, (traduzido por Monica Baumgarten de Bolle), 2014 [2013].

RICHARD, Eleonore. Devenir pauvre. Du revenu au ressenti. **Revue des politiques sociales et familiales**, n. 142-143, p. 23-45, 2022.

WESTERN, Bruce; BLOOME, Deirdre; SOSNAUD, Benjamin; TECH, Laura. Economic insecurity and Social Stratification. **Annual Review of Sociology**, n. 38, p. 341-359, 2012.

AUTOR

Nicolas Duvoux

Professor de sociologia na Universidade de Paris 8, autor de *Confiscated Future. desigualdades no tempo vivido, classes sociais e património* (Puf, 2023), especialista em desigualdades e pobreza.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1316-8131>

E-mail: nicolas.duvoux@univ-paris8.fr

Igor Martinache (tradução)

Professor adjunto do sociologia na Universidade de Paris Nanterre. Membro dos comitês editoriais da *Revue française de socio-économie* e da revista *La Pensée*.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1853-6674>

E-mail: imartina@parisnanterre.fr



Esta é uma TRADUÇÃO publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.